

O PRONOME DEMONSTRATIVO AQUILO EM SITUAÇÕES DE USO: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

RAISSA GONCALVES DE ANDRADE MOREIRA¹

RESUMO

Na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não possui uma definição unitária e consensual em relação à categoria dos pronomes demonstrativos ao longo dos estudos da língua. Diante disso, o pronome aquilo, é visto pela a tradição gramatical como pertencente ao grupo dos demonstrativos neutros e invariáveis, com função de indicar algo que se encontra distante dos interlocutores. Todavia, percebemos que essa estrutura pode apresentar novos usos, além das funções já cristalizadas. A pesquisa em questão está orientada na perspectiva funcional da linguagem, já que a investigação observa a função (referenciar) e a forma (o pronome aquilo) a partir de dados da língua falada em situações reais de uso da cidade de Natal – RN. Ressaltamos que um dos pontos de destaque do funcionalismo linguístico é a existência do domínio da função sobre a forma, ou seja, esta estaria a serviço daquela. Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de analisar o comportamento do item aquilo em situações reais de comunicação, e discutir sobre a viabilidade de um ensino de gramática que invista em análise de dados da língua falada para buscar uma prática pedagógica mais reflexiva no ensino-aprendizagem da língua portuguesa. A partir da análise, verificamos que o tratamento funcionalista que lançamos sobre o aquilo adensa a percepção de que há matices semânticos diversos no uso de um mesmo item. O cerne da informação é avaliado por mecanismos discursivos que são acionados pelo uso linguístico, corroborando o caráter multifuncional do item. Em vista disso, é

1 Doutoranda em Linguística pelo programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, raissamoreira28@gmail.com.

possível identificar várias subfunções realizadas por um mesmo item, viabilizadas pela capacidade de adentrar nos variados contextos.

Palavras-chave: Aquilo, Funcionalismo, Ensino, Língua portuguesa.

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é o pronome *aquilo*, assim como os demonstrativos em geral, é considerado, na tradição gramatical (ALMEIDA, 1999; ROCHA LIMA, 2011; CUNHA; CINTRA, 2017) e na maioria dos linguistas descritivos (CASTILHO, 2010; NEVES (2011[2000]); SILVA, 2018), um pronome demonstrativo de valor dêitico ou (ana)fórico. Esses valores correspondem, respectivamente, ao que se encontra no contexto extralinguístico, no contexto linguístico ou na memória do locutor.

Nesse sentido, o item *aquilo* se apresenta como um tema que necessita de análises mais aprimoradas, essencialmente com base em dados da língua em uso, uma vez que são amplamente comprovados os valores exofóricos e endofóricos dos pronomes demonstrativos.

Não obstante, no caso específico de *aquilo*, a finalidade desta investigação é fornecer contribuições para o estudo dessa estrutura, pois no uso corrente do português brasileiro contemporâneo, além dessas funções, outras também exercidas por esse pronome distintas das já registradas na literatura sobre o tema.

Ao refletimos sobre a amplitude dos estudos gramaticais, focalizamos a perspectiva da Gramática Funcional (GF), em que existe o predomínio da função sobre a forma, ou seja, esta estaria a serviço daquela. Sendo acessível a pressões de uso, ela leva em conta a capacidade que as pessoas têm de, além de codificar e decodificar expressões, usarem e interpretarem essas expressões a serviço de suas necessidades comunicacionais.

Dessa maneira, desenvolvemos a presente pesquisa com objetivo de analisar o comportamento do item *aquilo* em situações reais de comunicação, e discutir sobre a viabilidade de um ensino de gramática que invista em análise de dados da língua falada para buscar uma prática pedagógica mais reflexiva no ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

Observamos, portanto, a relevância em estudar o pronome demonstrativo *aquilo* considerando como fundamental a concepção reflexiva sobre o estudo gramatical. Destaca-se o papel que a perspectiva funcionalista tem, sobretudo na contemporaneidade, ao focalizar a língua não apenas como um meio organizado, um esquema fechado, particular, individualizado, mas principalmente como um construto em

seu uso, em sua funcionalidade. Sendo assim, nossa pesquisa justifica-se como sendo relevante para o avanço dos estudos nessa área.

METODOLOGIA

A pesquisa deste estudo envolveu a obtenção de dados das modalidades falada e o fenômeno investigado é analisado em diferentes contextos. Ao passo que a pesquisa é qualitativa, ela também considera dados de natureza quantitativa, uma vez que serão apresentados resultados numéricos através de tabela.

Para a nossa análise de dados, optamos pelo *corpus* do Grupo Discurso & Gramática (Grupo D&G), que é constituído por textos falados do português brasileiro, resultantes de entrevistas sociolinguísticas, acompanhados de sua versão escrita. Os indivíduos entrevistados são estudantes cujo grau de escolaridade vai desde a alfabetização até o último ano do ensino superior, de cinco cidades brasileiras: Niterói (RJ), Rio de Janeiro (RJ); Rio Grande (RS), Juiz de fora (MG) e Natal (RN).

Para a pesquisa o recorte escolhido para análise foi o D&G de Natal – RN, que foi constituído em 1990, sob a coordenação da professora Maria Angélica Furtado da Cunha. As atividades desenvolvidas no referido Grupo centram-se, portanto, nas questões suscitadas a partir de dados de língua falada e de língua escrita de falantes da cidade de Natal.

Para a seleção dos dados, realizaremos um apanhado de ocorrências do item *aquilo*. Foi realizada uma coleta de dados, após leitura criteriosa, foi conduzido manualmente, cuidando para manter recortes dos contextos mínimos em que se ambientam os usos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ITEM AQUILO

O pronome *aquilo*, é visto pela a tradição gramatical como pertencente ao grupo dos demonstrativos neutros e invariáveis, com função de indicar algo que se encontra distante dos interlocutores. Todavia, verificamos por meio de pesquisas que esta definição é simplista, uma vez que este item pode possuir outros valores que dependem da situação comunicacional. Constatamos muitas divergências acerca dos

conceitos e particularidades envolvendo os demonstrativos. Logo, podemos dizer que essas divergências são variadas e o tratamento dado ao tema, por vezes, é bastante heterogêneo, tanto nas abordagens tradicionais quanto nas mais modernas.

Posto isto, verificamos alguns conceitos do item *aquilo* em alguns compêndios tradicionais, de maneira geral, ele pertence aos demonstrativos invariáveis, por não sofrer flexões de singular e plural ou de feminino e masculino. Sabendo disso, vejamos um quadro resumindo o que foi falado sobre esse item para a tradição:

O ITEM <i>AQUILO</i>	
Vitral (2007)	É classificado como pronome indefinido por não saber exatamente do que se trata.
Cegalla (2008)	É classificado como pertencente aos demonstrativos invariáveis, e também pode ocorrer com as formas o, a, os, as quando equivale a isto, aquilo, aquele (s), aquela (s) .
Bechara (2010)	É classificado como invariável e não pode indicar a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso. Ele mostra que devemos classifica-lo como masculino e não neutro. E as palavras mesmo, próprio, semelhante e tal , e podem funcionar com valor demonstrativo quando equivalem por esse, essa, aquele, isso, aquilo .
Rocha lima (2011)	Classifica como pertencente aos demonstrativos invariáveis e também pode ocorrer com as formas o, a, os, as quando equivale a isto, aquilo, aquele (s), aquela (s) .
Cunha e Cintra (2017)	É classificado como demonstrativo invariável, e denota o que está afastado da pessoa que fala e um afastamento no tempo. Ele mostra que o item pode adquirir valores afetivos.

Quadro 01: Item *aquilo* nas gramáticas tradicionais

Fonte: pesquisadora

A partir do quadro, averiguamos que existe uma consonância entres os autores em relação ao pronome *aquilo*, tendo em vista que é classificado como invariável e, normalmente quando usando, não se sabe a quem se referiu, já que não indica a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Tendo em vista essas definições, se faz necessário verificar também alguns apontamentos sobre o item em estudo na perspectiva funcional, como é o caso de Castilho (2010, p. 498), que destaca que

no esquema ternário, “as gramáticas do português fixaram-se na função dêitica de *este*, *esse* e *aquele*, estabelecendo que esses vocábulos apontam para referentes localizados proximamente à primeira, a segunda e a terceira pessoa”. Todavia, o pesquisador informa que o esquema ternário não corresponde ao uso contemporâneo do português brasileiro (PB), e justifica afirmando que:

Primeiro, porque esses vocábulos não são exclusivamente dêiticos, não remetem unicamente as pessoas do discurso, como veremos a seguir. Segundo, porque mesmo em seus usos dêiticos eles não mostram uma estrita adesão às três pessoas do discurso (CASTILHO, 2010, p. 498).

Desse modo, para o pesquisador, a adesão ao sistema binário se dá porque o português brasileiro (PB) atenuou fortemente a representação da categoria de /pessoa/ entre os demonstrativos, dadas as transformações dos pronomes pessoais, que se irradiaram para os outros pronomes que exibiam igualmente esse traço. O que vem ocorrendo é que o lugar proximal é expresso indiferentemente por *este* e *esse*, e o lugar distal, por *aquele*.

Contudo, Castilho (2010) destaca que, embora exista uma disseminação do uso do esquema binário demonstrativo no PB, não se pode decretar que o sistema ternário dessa classe tenha desaparecido, pois na língua escrita, quando se configuram algumas necessidades dêiticas, esse sistema reaparece claramente. Outro aspecto destacado pelo autor é o fato de as gramáticas tradicionais focarem apenas nas propriedades dêiticas dos pronomes e não valorizarem a propriedade de foricidade². Com isso, o demonstrativo enquanto operador de foricidade:

1. Aponta para trás, retomando o que veio antes, situação em que teremos duas possibilidades: (i) retomada anafórica de um elemento expresso anteriormente, introduzido no discurso pelo artigo, no esquema *o* + substantivo β *este/esse/aquele* + substantivo, como em “*o brasileiro, esse desconhecido*”; (ii) retomada anafórica de um elemento não expresso, mas inferido do contexto,

2 Denominação dada por Castilho (2010) para se referir à propriedade dos demonstrativos de retomar ou antecipar os elementos citados no texto.

como em “*vim para a festa, mas esqueci aquele negocio, o presente*”; este movimento produz o efeito de ralentamento temático.

2. Aponta para frente, anunciando cataforicamente o que vira depois, situação em que o demonstrativo não tem um antecedente seja expresso, seja suposto, organizando-se/ o esquema *este/esse/aquele* + substantivo à *o* + substantivo, como em *esse desconhecido, o brasileiro*.

3. O substantivo especificado repete o substantivo anterior (especificado ou não), assegurada a identidade entre ambos. Esse processo pode ser representado pelo esquema *o* + substantivo à *esse* + substantivo: *e depois ja com o trator esse trator tinha pecas sobressalentes*. (CASTILHO, 2010, p.498-499).

A partir disso, Castilho (2010) expõe que ao contrário do que pregam as gramáticas tradicionais, a propriedade fundamental dos demonstrativos é a retomada de ideias (anáforas e catáforas) e não a dêixis. Dessa forma, os demonstrativos assumem um papel que suplanta os limites da sentença, contribuindo poderosamente para a articulação do texto.

Já Neves (2011[2000]) explana que *aquilo* não se refere nem ao falante, nem ao ouvinte, mas a algo ou alguém que não constitui pessoa do discurso (uma não pessoa). Sendo assim, *aquilo* “pode remeter a algo que esteja na própria situação de fala, mas nunca indica proximidade das pessoas do discurso (o lugar é *lá, ali*)” (p. 501).

(01) A clara voltou muito feliz da viagem a Manaus, conta Glória, terminando de se arrumar. Você precisa conhecer **aquilo lá**, era o que ela dizia. (p.502)

A autora também explica que ao se referir a não pessoa do discurso (3ª pessoa), o demonstrativo *aquela*³ pode remeter a algo que esteja fora da situação de fala:

(02) Onde é que eu acho **aquela** tratante? (p.502)

3 Neves (2011[2000]) explica que o mesmo pode ocorrer com o pronome *aquilo*, porém a autora não coloca exemplo com este item.

A partir do exemplo, percebemos que *aquela* se refere a uma pessoa que não está dentro da situação de fala, e o tom utilizado foi de ironia, sendo percebido pela palavra seguinte “tratante”. Além desse uso, Neves (2011[2000], p.502) destaca que o distanciamento das pessoas do discurso pode ser:

a) espacial

(03) É no centro da cidade, **naquela** casa branquinha bem na esquina da matriz!

b) temporal

Nós ganhamos, **naquela** época o Bangu ganhava sempre.

Ou ainda, os efeitos de distanciamento espacial e de distanciamento temporal podem somar-se ao texto:

(05) Quem era **aquela** criatura modelada em mármore que, todos os anos, **naquela** praça aberta ao mar, recebia a festa das escola? (p.502)

Em relação à organização do espaço situacional, Neves (2011[2000]) salienta que os pronomes demonstrativos quando faz referência textual, seleciona uma porção do texto. Logo, se houver mais de um nome antecedente, a referência com *aquela/aquilo* seleciona o mais distante.

O demonstrativo *aquilo* é usado como sujeito do verbo ser, para fazer uma definição irônica e geralmente depreciativa de algo:

(06) - Que atelier qual nada: **aquilo** é casa de mulher à toa. (p.506)

Neste exemplo, percebemos que o falante ao usar *aquilo* ironizou um ambiente, no caso *atelier*, fazendo referência a um lugar bagunçado, pois é caracterizado como *casa de mulher à toa*.

Diante dessa discussão, torna-se oportuno salientar que os estudos mencionados são um dos poucos existentes na literatura linguística acerca do item *aquilo*, o que reafirma a relevância da presente pesquisa. A seguir, vejamos nossos resultados e discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, discutimos os resultados da nossa pesquisa a partir da observação dos usos do item *aquilo*, nos dados de língua falada. No total, foram quantificadas 104 ocorrências deste item e sua flexões. A tabela 01, a seguir, apresenta a quantificação das ocorrências, verificados no *corpus* do Grupo Discurso & Gramática (Natal).

CIDADE	ITENS LINGUÍSTICOS	ITENS LINGUÍSTICOS	
Natal	Aquilo	70	104
	Daquilo	16	
	Naquilo	10	
	Aquilozinho	8	

Tabela 01: Quantificação itens linguísticos D&G

Fonte: A pesquisadora.

Como podemos observar, a tabela 01 mostra a gradação quantitativa dos itens linguísticos no recorte específico de língua falada. A seguir, analisamos alguns excertos retirados do *corpus* de análise observando os usos do item *aquilo* em situações reais de comunicação. Dito isto, vejamos as ocorrências 05 e 06:

(07) A grande expectativa do show foi **aquilo** tudo da Adriana Calcanhoto. ... (D&G, 35 – Língua falada)

(08) O filme não foi **aquilo** tudo que eu esperava. ... (D&G, p. 148 – Língua falada)

Examinamos, à primeira vista, que são semanticamente diferentes e atendem a necessidades comunicacionais e pragmáticas distintas. Chamamos atenção para a estrutura “não foi aquilo tudo” referindo-se à Adriana Calcanhoto. Verificamos que a expressão não foi usada para depreciar a cantora, mas sim para dá ênfase, reforça a grande cantora que ela é para seus fãs, ocasionando um efeito gradativo: “aquilo tudo da Adriana Calcanhoto”, personalidade, fama e competência profissional.

Por outro lado, em (08) verificamos que a estrutura “não foi aquilo tudo” apresenta o seu significado canônico, indicando decepção em

relação ao filme que não foi o que esperava. Portanto, os dois exemplos destacados ajuda, de alguma maneira, a justificar a premência desse trabalho de pesquisa que contemple os reverses desse item na língua portuguesa.

Ainda se faz pertinente destacarmos que em nosso *corpus* foi encontrado vários pronomes demonstrativos com suas funções prototípicas de referenciar algo na interação entre os interlocutores. Em relação ao *aquilo*, avistamos um predomínio do item já cristalizado como elemento que indica que algo se encontra distante, tal como demonstrado na ocorrência que segue:

(09) não ... quando é particular você só dá o recibo ... consulta quinhentos mil e pronto ... carimba ... coloca a data ... e **aquilo** serve como recibo ... quando você pagou a consulta ... pra você provar que pagou ... né? aí o paciente ... faz a ... a consulta ... se for pra fazer a cirurgia particular ... ele vai dá o orçamento ... pra assim ... ele divide em até duas vezes ... se for num valor muito alto ... né? ... (RF19/D&G/:122 – Língua falada)

No exemplo, verificamos que o item em estudo foi usado em sua forma já cristalizada, como dito anteriormente, com a função de se referir a algo que foi dito antes, sendo assim, possível de identificar pelos interlocutores a que o *aquilo* está se referindo.

O tratamento funcionalista que lançamos sobre o *aquilo* adensa a percepção de que há matizes semânticos diversos no uso de um mesmo item. O cerne da informação é avaliado por mecanismos discursivos que são acionados pelo uso linguístico, corroborando o caráter multifuncional do item. Em vista disso, é possível identificar várias subfunções realizadas por um mesmo item, viabilizadas pela capacidade de adentrar nos variados contextos. Nessa conjuntura, a ocorrência a seguir, também retirada dos nossos dados, é um bom exemplo de como este item se comporta:

(10) ... aí virgindade... eles deixa pra lá... diz... a isso é coisa de... de... de lesão... num sei quê... isso aqui num tem mais... num sei... isso aqui é sem graça num sei o quê... aí num... num dá... aí por isso que ele... quando vai procurar... eu num se eles é... se eles perguntam ... se é ou num é... aí é difícil... como esse negócio... como esse negócio também

da... da AIDS né? Que tá meio perigoso... eles também num tão nem aí... tem um... tem:: namo/ que é assim... namoro que sai... vai... fica dentro do carro... faz **aquilozinho**... esquece... de colocar preservativo... e:: assim... aí acontece as coisa... (LF16/D&G:169 – língua falada) falada)

Contrariando as regras gramaticais, em (10) observamos que o falante emprega **aquilozinho** para fazer referência a uma conotação sexual, assim, inferimos que o falante com a intenção de suavizar que estavam fazendo sexo dentro do carro, prefere usar o pronome demonstrativo em sua forma no diminutivo.

A partir dessas ocorrências que destacamos se faz necessário pensar em um ensino de língua portuguesa que não se preocupe apenas com a forma do item, mas que leve em consideração, sua função, seu contexto de uso, demonstrando que a língua não é estática, mas se modifica de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes. Isto nos lembra de uma citação de Tavares (2012, p. 41) ao que assegurar que “os significados das formas linguísticas são negociáveis em maior ou menor extensão.” Portanto, de acordo com a autora, na língua existem significados relativamente fixos, que se fixam a cada uso, à medida que outros, de caráter mais gramatical, “dependem mais do contexto circundante para serem interpretados”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise, verificamos que o tratamento funcionalista que lançamos sobre o **aquilo** adensa a percepção de que há matizes semânticos diversos no uso de um mesmo item. O cerne da informação é avaliado por mecanismos discursivos que são acionados pelo uso linguístico, corroborando o caráter multifuncional do item. Em vista disso, é possível identificar várias subfunções realizadas por um mesmo item, viabilizadas pela capacidade de adentrar nos variados contextos.

Neste estudo do item invariável **aquilo**, exploramos a enquanto forma vinculada de uma função que concretiza o discurso, e nele se materializa a gramática ao procurar atender necessidades comunicativas do usuário situado num contexto determinado. Assim, o ensino de língua portuguesa deve levar em consideração o estudo reflexivo, orientando-se em condições reais de comunicação. Portanto, as

práticas de análise linguística em sala de aula (deveriam) oportunizar o aluno a reflexão sobre a língua, a compreensão do sistema linguístico e de usos da língua.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. Ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do Português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. revista. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. 22.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2. Ed., São Paulo: Editora UNESP, 2011. 24.

ROCHA LIMA, C. H. Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SILVA, J. R. (Inter)subjetividade e extensão semântica em construções com aquele. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. (orgs.) **Variação e mudança em perspectiva construcional** [recurso eletrônico]. Natal: EDUFRN, 2018. 26. 23.

TAVARES, M. A. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, E. R. **Análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012. p.33-51.

VITRAL, L. **Gramática inteligente do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.